



Eduardo Toledo. 2024

PRYMEYRA LAPYNHA

por Eduardo Toledo

Cadê os pé dos imbuzeiro
que florava todo ano
nas baixadas, nas veredas...mana minha!
cadê os pé de umbu meu mano?
mas cadê meus imbuzeiro?

Elomar Figueira Mello

Visage Um

BAHYA DA GUANABARA. Conta-se dois mil e vinte e quatro anos após o nascimento mítico e não menos místico de um certo bebê palestino presenteado com mirra por (entre outros magos) BALTAZAR O MOURO.

A Prymeyra Lapynha não se pretende explicar. Ela se mostra se escondendo, irrompendo entre os mundos - como uma *visage*. Como uma *latumia*. Como um movimento aberto ao tempo não-linear das profundezas das memórias e matérias - materiais e memoriais. É também uma espécie de vingança destas entidades e seus entes encarnados contra a hegemonia do esquecimento entre as fricções pelas disputas do real. A Prymeyra Lapynha no entanto não se constrói na reatividade ao culto do real. Não se satisfaz com os espelhos-armadilhas do dual. Estrelas desfixas sob o oceano de um quintal.

Na Prymeyra Lapynha, Exú Caveira da Occitânia é diplomata no Ministério Brevidade do Viver Esqueleto Hás de Ser - MBVEHS; Gojira é musa e São Longuinho Guararemense Desmembrado - SLGD oferece humildemente um monóculos escavado de longínquos e complexos cantos escuros do guarda-roupas de uma mulher (não sertaneja mas SERTÂNICA) com nome de flor-brincadeira: Margarida - bem me quer ou mal me quer... Você aceita? O que o coração não sente, os olhos não veem.

Visage Dois

BAHYA SERTÂNICA. Conta-se um mil, novecentos e setenta anos após o mítico e não menos místico nascimento de um certo bebê palestino jurado de morte por HERODES, O MINÚSCULO DOS VALES DE KIDRON.

(Convido o leitor a confabular com esta região do sertão onde soprou um vento árabe e há ainda muitos redemoinhos de sua presença em parecência e dessemelhança – ainda que aparentemente ocultas aos olhares distraídos). Oh descendência da KA´A TINGA! O óbvio adora se fazer de invisível!

Eis que Ana Lúcia, a primogênita de Elionor (É-li-li-ONOR) com Margarida, povo descendente da antiga-fazenda-hoje-cidade Cansanção (vulgo Cansancity) primeiro se deslumbrou com a lapinha que viu através das janelas da casa das velhas... as senhoras irmãs de DONA COTA – a mãe-da-meia-irmã-meia-mãe de Margarida (vulgo MAGÁ), aqui evocadas DONANA BELA BETINHA CLARA LURDES mas também

JOSÉ AMBRÓSIO
Seis irmãs mulheres
e um irmão homem
é igual um lobisomem

Encantada com aquele acontecimento, que segundo ela poderia ocupar metade de uma sala – ANA LÚCIA resolveu fazer sua própria lapinha. Eram tempos duros no sertão. E no entanto a aridez da vida como que moldando o coração

à luz da constelação do Leão
sete degraus de devoção
e o real então



*João Retratista de Cansanção. Final da década de 1970
Cedida por Eduardo Toledo, 2024*

Visage Três

Areia, conchas, burricos, bonecas,
pedregulhos, bezerros, cartazes,
galinhas, maria, pato donald,
plantas, cágados, josé, revista, santos,
camelos, santas, ursinhos, papelão.

Tudo ascende e descende
Assim abaixo como acima
Mundo santo e mundo cão
Sete anos é um giro do calango
mordendo o próprio rabo
Sete séculos não se faz de menoscabo
Ainda vemos a fumaça da queima
da Biblioteca de Alexandria
Ainda ouvimos os gritos de Hipátia
despedaçada como uma iguaria
E no entanto ainda temos a lapinha
de DONA ALEXANDRINA
Ainda temos esperança
nos BEBÊS da PALESTINA



*Dona Alexandrina de Riachão do Jacuípe. Final da década de 2010
Cedida por Eduardo Toledo, 2024*